



Na terra generosa da Revolução

Germinam as flores nascidas em Setembro

— Presidente Samora Machel na mensagem dirigida à Nação moçambicana por ocasião do 25 de Setembro

O Marechal Popular de Moçambique e Comandante-Chefe das Forças Armadas de Moçambique (FPLM),

Ieu ontem aos jornalistas Samora Machel, Presidente do Conselho Popular, no dia 25 de Setembro, República da FPLM e Dia da Revolução. Passamos a transcrever na íntegra a referida mensagem:

Moçambicanos, Soldados, Sargentos, Oficiais, Há vinte anos, nesta mesma noite de 24 para 25 de Setembro, em Chai, foram disparados os primeiros tiros contra o imenso poder colonial que há séculos oprimia o nosso povo. Estes primeiros tiros fazem surgir a época mais rica do povo, época que o vê avançar a largos passos no n

mais altas qualidades do povo, e por isso se afirmam efectivamente como vanguarda do combate popular pela liberdade e independência nacional. O desafio do 25 de Setembro não se esgota em 1964 ou dez anos depois com a vitória contra o colonialismo. A história da nossa Pátria, a história das Forças Populares de Libertação de Moçambique é também a história do desafio permanente contra obstáculos aparentemente invencíveis.

O desafio que enfrentamos não é apenas ao nível do combate armado. É desafio que queremos acabar com a fome e o subdesenvolvimento, que

poderoso que fez triunfar o processo de libertação da terra e dos homens moçambicanos. Ocupámos e tornámos-nos donos da floresta e da montanha, e assim o povo tornou-se conquistador depois as cidades onde ainda imperava o inimigo estrangeiro. Éramos poucos e vulneráveis, ao todo cerca de 250 homens treinados. Éramos uma minoria que aceitou sacrificar-se pela maioria. A primeira vitória era assim, na realidade éramos o Povo. Por isso crescemos impetuosamente, tornámos nos milhares e depois milhões, o País inteiro.

É esta tempestade que faz conhecer ao Mundo a justiça da nossa luta,

do feudalismo nas zonas libertadas, gera-se o novo poder, o poder popular. No combate à ignorância e ao obscurantismo, na luta contra a doença, é o povo que constrói escolas, hospitais, postos sanitários. Na defesa das machambas e das povoações, das escolas e dos hospitais, é o povo armado, são os milicianos que punem o invasor e fazem das zonas libertadas terra inexpugnável.

É a adesão constante de novos voluntários que deu origem às Forças Populares de Libertação de Moçambique. O povo é a terra generosa onde elas se enraizam e onde buscam a sua sobrevivência.

Guerrilheiros e população são parte integrante de um mesmo corpo. Combatente não é apenas o soldado que dispara. O soldado que dispara é também professor e enfermeiro, é comissário e engenheiro. É o enfermeiro, o professor, o camponês, o trabalhador da cooperativa de comércio, que, nas emboscadas e assaltos ao inimigo, aniquilam a força viva do colonialismo, são também guerrilheiros.

Esta combatente suscita a oposição das forças reaccionárias que, no nosso seio, queriam reduzir a luta a uma simples transferência de poder das classes exploradoras estrangeiras para as classes exploradoras nacionais.

Essência do objectivo da reacção nacional ou estrangeira é sempre privar o povo do poder. Uma vez pelas armas, refugiando-se na burocracia, ali cobrindo-se com a capa do desleixo; apesar das suas múltiplas facetas, a reacção age sempre com o mesmo objectivo.

O segredo da vitória das crises que vivemos encontra-se na capacidade de combatentes e povo manterem-se intimamente integrados. A reacção, ao atacar as FPLM — e esta era a questão-chave do 2.º Congresso da Frente de Libertação de Moçambique — atacava a força que defendia o povo contra o assalto dos reaccionários nacionais e estrangeiros.

O triunfo da linha correcta no 2.º Congresso foi, pois, o triunfo das aspirações populares, o triunfo do instauramento do povo na realização da sua vontade histórica de independência nacional e conquista do poder.

Este triunfo teve como consequência principal fecundar a Frente para, no seu seio, se gerar progressivamente o Partido. São os combatentes das FPLM, este instrumento de fundação. Num momento, eles constituem a vanguarda da luta.

Neste momento se tornaram a base da criação do Partido Frelimo. O nosso Partido nasceu com as armas nas mãos. Foi a semente que, caída na terra e nela enraizada, se multiplicou em numerosos frutos.

O Partido e a Revolução nasceram assim das balas disparadas em 25 de Setembro. Nasceram desta confrontação entre a vanguarda do povo, e eles exploradores. Cresce e a Revolução no diálogo permanente da teoria com a prática, no enriquecimento constante que a teoria científica da revolução traz à prática, na maturação e desenvolvimento que a prática traz à teoria revolucionária.

Foi a popularização da linha, o fazê-la viver no seio de milhões de homens e mulheres, que garantiu a vitória e tornou cada conquista um acto irreversível. É a popularização da linha que garante a democratização dos métodos.

Esta participação continua nos actos de decisão das linhas, que qualquer que qualquer proveito do poder e a direcção. A democratização dos métodos de trabalho traz sempre sangue novo à direcção. A partir daí torna-se impossível para o inimigo a liquidação do processo revolucionário; o próprio desaparecimento físico de dirigentes não impede o triunfo da revolução.

Assim que, há vinte anos, com o desencadeamento da Luta Armada de Libertação Nacional, o homem moçambicano começa a libertar-se do fatalismo de colonizado que o estrangeiro lhe procurava inculcar. As grilhetas da submissão, do complexo da inferioridade, do servilismo são quebradas pelas balas do 25 de Setembro.

Esta libertação torna-se um acto de cultura. Na canção, na dança, na poesia exprimem-se as tradições de heroísmo e de luta do nosso povo, a liberdade alcançada, a certeza da vitória; floresce a verdadeira cultura popular.

O homem moçambicano surge consciente da sua verdadeira dimensão de dono e fazedor da sua própria história.

As vitórias vão-se acumulando com a eliminação das forças vivas do colonialismo. Deixam de existir os postos da Administração colonial; e com eles são eliminados o trabalho forçado, o chibalo e abolida a palmatória.

A eliminação permite ao povo produzir em liberdade, organizar livremente a sua vida. Dirigidas pela FRELIMO, as populações libertadas apropriam-se dos recursos naturais em seu benefício, passam a ser donas daquilo que produzem.

O poder poder feudal desmoronou-se. São os Comités da Frente de Libertação de Moçambique, exprimindo a vontade das massas trabalhadoras das zonas libertadas, que assumem e exercem o poder. Nas ruínas do colonialismo e

reacção armada e não armada. Uns queimam as casas e pilham os celeiros. Outros, por meios burocráticos, sabotam a construção do poço, o escoamento dos produtos agrícolas, impedirão que os técnicos se instalem nos distritos e localidades.

Os teóricos da reacção dirão que a aldeia comunal priva o povo dos seus hábitos tradicionais, da sua cultura. Eles dirão que violenta o povo forçando-o a viver colectivamente.

Os bandidos armados, cumprindo essa directriz ideológica, destroem o posto de saúde e a escola que a aldeia comunal criou, queimam a loja e a cooperativa de consumo construídas pela população da aldeia comunal, minam a estrada construída pelo povo, destroem o camião que transporta a riqueza criada pelo camponês e os bens que ele necessita.

Em resumo, a reacção armada e não armada, destrói a vida colectiva que representa a vida colectiva para o desenvolvimento das zonas rurais. Trata-se de manter o povo subjugado.

Esta prática não é nova. Era assim que agia o exército colonial e os seus aliados camponeses. Os bandidos armados são os herdeiros da barbárie do exército colonial.

O 25 de Setembro fez-se contra a subjugação do povo, fez-se pela sua libertação. Por isso, as nossas armas continuam viradas contra os que ambicionam oprimir o povo. Elas continuam a destruir com ódio os que assassinam o povo.

A força do 25 de Setembro, porque realmente enraizada no povo, contribuiu para o avanço do processo revolucionário contemporâneo.

A luta armada do povo moçambicano foi um contributo essencial para a independência nacional dos povos irmãos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. A nossa luta comum fez ruir o sistema fascista em Portugal.

O combate do povo moçambicano consolidou as independências dos Estados da África Austral, permitiu a criação da Conferência Coordenadora para o Desenvolvimento Económico da África.

As balas do 25 de Setembro criaram uma base de apoio invencível para a luta de libertação do povo irmão do Zimbábue.

Particularmente, nós combatentes do 25 de Setembro, nós povo moçambicano, estamos orgulhosos de ter implantado na África Austral uma alternativa de civilização que põe em causa o sistema do racismo e do imperialismo.

O 25 de Setembro abriu Moçambique ao mundo. Permitiu-nos contribuir para a revolução mundial e fazer sentir o carinho e o calor imenso da solidariedade dos outros povos.

Ele recolocou a nossa Pátria na África do que estávamos separados

Soldados, Sargentos, Oficiais, Na terra generosa da revolução continuam a germinar as flores nascidas em Setembro.

O 25 de Setembro não é apenas uma data histórica que, comovidos, orgulhosos, contemplamos e homenageamos. Ele é sobretudo uma realidade de combate que a do nosso

E uma atitude perante os imensos desafios que representam a luta contra o imperialismo e a miséria, pelo progresso e o socialismo.

Vinte e cinco de Setembro é também a metodologia experimentada da nossa revolução, que nos garantiu o crescimento de pequenos para grandes, de poucos para muitos, e vitórias nas sucessivas guerras enfrentadas pelo nosso povo nestas duas

O 4.º Congresso do Partido Frelimo, determinou para todos combatentes das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), trabalhadores, militantes do Partido, tarefas fundamentais em que estamos

defesa da Pátria e a luta contra o imperialismo e a miséria, pelo progresso e o socialismo.

Na realização destas tarefas reforçamos a atitude e a metodologia do 25 de Setembro. Saber avançar em ondas sucessivas contra obstáculos, que parecem impossíveis de superar, com a certeza da vitória.

Vencer obstáculos é o espírito do 25 de Setembro.

O processo da luta contra o imperialismo, as insuficiências, carências, traições até. Mas o que caracteriza a vitória do 25 de Setembro é o ter-se, com coragem, condenado e corrigido os erros e insuficiências cometidos para fazer avançar a Revolução.

Muito realizamos nestes vinte anos. E disto estamos todos orgulhosos como patriotas moçambicanos.

Conquistámos a independência da Pátria. Quando desencadeámos o 25 de Setembro, respondíamos ao que era mais profundo do nosso povo de liberdade, de independência, de justiça e de paz.

A maior aspiração do povo moçambicano era pôr fim a 500 anos de violência colonial, de humilhação, de deportação, de exílio, de escravidão. Era deixar a autocracia para se tornar homem livre, e em liberdade, construir o seu progresso e a sua felicidade.

Hoje somos orgulhosamente, homens livres. Somos os que, na vida, não conhecem a segregação racial, a nossa mulher afirma-se na sociedade, como cidadã com plenos direitos, o camponês não vive já atormentado do espectro do trabalho forçado e do chibalo.

Hoje, fruto do 25 de Setembro, erguemos com coragem uma Nação moçambicana onde não há etnias, raças, regiões que nos separam e dividem.

Este é o nosso povo que, com o espírito de trabalho árduo, se engaja massivamente na produção, para criar um futuro melhor para os seus filhos.

É este povo que hoje pode estudar em liberdade para eliminar a ignorância, o analfabetismo, e fazer da ciência e da técnica instrumentos do desenvolvimento em seu benefício.

O povo moçambicano é um povo generoso e trabalhador. Com as suas mãos laboriosas, com talento, inteligência e iniciativa, edifica a Nação moçambicana, defende

Heróis, que celebra a segunda década do acto decisivo para a sua liberdade e independência.

Com os nobres ideais do 25 de Setembro sempre presentes, o Povo moçambicano está certo da vitória.

Ontem, como hoje, é na unidade que encontramos a nossa força principal. Ela nos ilumina na nossa marcha vitoriosa.

Nas fases do combate libertador, cada acção do inimigo cimentava-se na nossa unidade, elevou o nosso patriotismo, fortaleceu o nosso pensamento comum, reforçou-nos a convicção da justiça da nossa luta.

As acções criminosas e bárbaras dos bandidos com mais clareza a natureza de classe do inimigo, tornaram mais clara a definição correcta do inimigo.



Com o 25 de Setembro, o Povo moçambicano inicia a grande epopeia da sua libertação, escrevendo as páginas mais belas e gloriosas da sua História com o seu próprio suor, com o seu próprio sangue.

Assumindo as tradições seculares de resistência do nosso povo, sintetizando as qualidades e valores culturais do homem moçambicano, o 1.º Congresso da FRELIMO, realizado de 23 a 28 de Setembro de 1962, cria o embrião das Forças Populares de Libertação de Moçambique, ousa iniciar pelas armas, o ataque final ao colonialismo.

Coube ao Professor Doutor Eduardo Chivambo Mondlane, um dos mais ilustres filhos da Pátria moçambicana, a tarefa histórica de ordenar o desencadeamento da insurreição geral armada.

Dezenas de milhares de soldados colonialistas, beneficiando do apoio bélico do sistema racista na África Austral e de uma rede de alianças imperialistas, constituíram a muralha que defendia o sistema opressor estrangeiro na nossa Pátria.

Dez anos depois, em 7 de Setembro de 1974, completamente derrotado, rendeu-se o colonialismo português. No dia 20, a Frente de Libertação de Moçambique instalava em Lourenço Marques o primeiro Governo do nosso

Com o recuo do tempo, comparando o que é o sentimento a dimensão do desafio histórico que representou o 25 de Setembro, podia parecer um acto de loucura, um sonho de jovens idealistas e voluntaristas, um acto irresponsável.

Nada tínhamos nas mãos para fazer face ao poder económico e militar do colonialismo português integrado no sistema ocidental.

Na Direcção da Frente se contradições sobre a viabilidade da luta armada. As primeiras traições e deserções, as primeiras rupturas nasceram durante a criação da FRELIMO e acentuaram-se depois em torno da questão da luta armada.

Poucos tinham treinado. Entre esses, logo houve desertores, houve os que recusaram combater para libertar a Pátria.

Diante de nós, jovens do 25 de Setembro, havia um exército organizado, estruturado, disciplinado, bem fardado e equipado com oficiais formados. Um exército herdeiro de tradições de guerras de conquista e dominação, um exército experimentado na exploração secular do povo.

A força da Frente de Libertação de Moçambique foi compreender e assumir que o povo não é libertado por procuração ou delegação. Um novo liberta-se a si próprio.

Só nós, moçambicanos, poderíamos libertar Moçambique.

sempre assolaram o nosso povo. E de saio queremos liquidar a ignorância, o analfabetismo, as doenças endémicas, a miséria que sempre caracterizaram a nossa Pátria.

É desafio que queremos uma sociedade livre, de homens iguais, nas fronteiras com o racismo. É desafio fazer-se triunfar a revolução socialista numa zona tradicionalmente sob a hegemonia imperialista.

Este desafio continuamos a aceitar, com a certeza da vitória. Certeza da vitória que resulta de todos os sucessos que já alcançámos e da justiça da causa que defendamos.

Moçambique existe. A África Oriental Portuguesa deixou de existir. Nenhuma bandeira de dominação estrangeira será de novo içada na nossa Pátria.

A República Popular de Moçambique, Es

Conquistámos o direito ao alojamento. Ocupámos as cidades. Criámos as aldeias comunais, iniciando assim a urbanização do campo. Podemos queimar as casas que construímos, mas ninguém nos arrancará aquilo que é o nosso e a vontade de construir.

Nas margens do Oceano Índico, nesta costa africana, afirma-se e afirmará a nossa República Popular, defendida e guardada pelo seu povo, e guardada pelos seus filhos soldados.

Quando partimos do Rovuma ao Maputo, não se disparou para libertar Cabo Delgado, Niassa, Tete, Zambézia, Manica ou Sofala, uma região ou província, o Combate fez-se para libertar Moçambique do Rovuma ao Maputo.

Os combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique eram a expressão da unidade do povo, operacionalizada pela FRELIMO. Eles incarnavam a esperança e a força do povo, agiam com o mandato histórico do povo no desafio que se encetava. Eles personificavam a certeza da vitória, transportavam consigo a convicção de que o homem moçambicano quando luta é para vencer.

Em 1964, os combatentes assumiram todas as heranças de res colonial do nosso povo. O combate dos bárbaros, a luta heroica do Império de Gaza, as guerras do Mataca, feitas agora uma só tradição, uma só resistência.

Neste contexto, desde o primeiro momento, os combatentes das Forças Populares transportam em si as

povo, do Rovuma ao Maputo, não se disparou para libertar Cabo Delgado, Niassa, Tete, Zambézia, Manica ou Sofala, uma região ou província, o Combate fez-se para libertar Moçambique do Rovuma ao Maputo.

Os combatentes das Forças Populares de Libertação de Moçambique eram a expressão da unidade do povo, operacionalizada pela FRELIMO. Eles incarnavam a esperança e a força do povo, agiam com o mandato histórico do povo no desafio que se encetava. Eles personificavam a certeza da vitória, transportavam consigo a convicção de que o homem moçambicano quando luta é para vencer.

Em 1964, os combatentes assumiram todas as heranças de res colonial do nosso povo. O combate dos bárbaros, a luta heroica do Império de Gaza, as guerras do Mataca, feitas agora uma só tradição, uma só resistência.

Neste contexto, desde o primeiro momento, os combatentes das Forças Populares transportam em si as

As vitórias vão-se acumulando com a eliminação das forças vivas do colonialismo. Deixam de existir os postos da Administração colonial; e com eles são eliminados o trabalho forçado, o chibalo e abolida a palmatória.

A eliminação permite ao povo produzir em liberdade, organizar livremente a sua vida. Dirigidas pela FRELIMO, as populações libertadas apropriam-se dos recursos naturais em seu benefício, passam a ser donas daquilo que produzem.

O poder poder feudal desmoronou-se. São os Comités da Frente de Libertação de Moçambique, exprimindo a vontade das massas trabalhadoras das zonas libertadas, que assumem e exercem o poder. Nas ruínas do colonialismo e

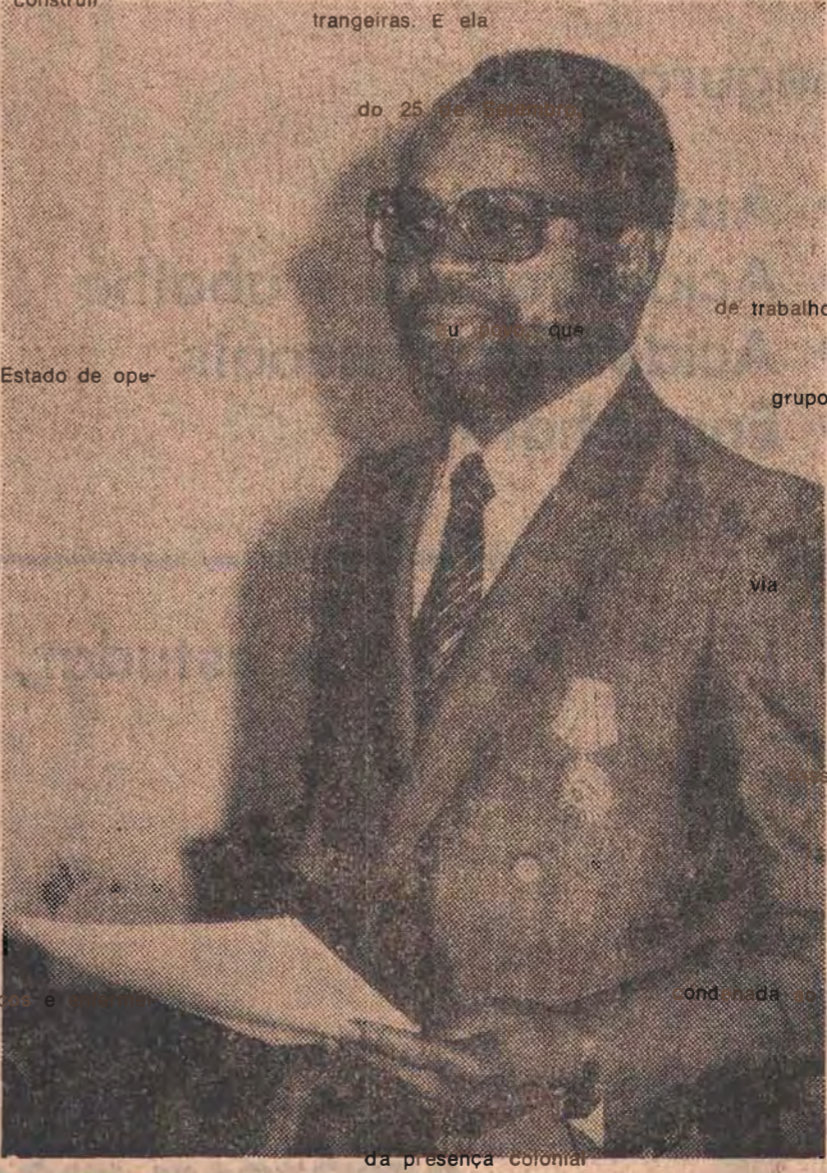
reacção armada e não armada. Uns queimam as casas e pilham os celeiros. Outros, por meios burocráticos, sabotam a construção do poço, o escoamento dos produtos agrícolas, impedirão que os técnicos se instalem nos distritos e localidades.

Os teóricos da reacção dirão que a aldeia comunal priva o povo dos seus hábitos tradicionais, da sua cultura. Eles dirão que violenta o povo forçando-o a viver colectivamente.

Os bandidos armados, cumprindo essa directriz ideológica, destroem o posto de saúde e a escola que a aldeia comunal criou, queimam a loja e a cooperativa de consumo construídas pela população da aldeia comunal, minam a estrada construída pelo povo, destroem o camião que transporta a riqueza criada pelo camponês e os bens que ele necessita.

Em resumo, a reacção armada e não armada, destrói a vida colectiva que representa a vida colectiva para o desenvolvimento das zonas rurais. Trata-se de manter o povo subjugado.

Esta prática não é nova. Era assim que agia o exército colonial e os seus aliados camponeses. Os bandidos armados são os herdeiros da barbárie do exército colonial.



Com o 25 de Setembro, o Povo moçambicano inicia a grande epopeia da sua libertação, escrevendo as páginas mais belas e gloriosas da sua História com o seu próprio suor, com o seu próprio sangue.

Assumindo as tradições seculares de resistência do nosso povo, sintetizando as qualidades e valores culturais do homem moçambicano, o 1.º Congresso da FRELIMO, realizado de 23 a 28 de Setembro de 1962, cria o embrião das Forças Populares de Libertação de Moçambique, ousa iniciar pelas armas, o ataque final ao colonialismo.

Coube ao Professor Doutor Eduardo Chivambo Mondlane, um dos mais ilustres filhos da Pátria moçambicana, a tarefa histórica de ordenar o desencadeamento da insurreição geral armada.

Dezenas de milhares de soldados colonialistas, beneficiando do apoio bélico do sistema racista na África Austral e de uma rede de alianças imperialistas, constituíram a muralha que defendia o sistema opressor estrangeiro na nossa Pátria.

Dez anos depois, em 7 de Setembro de 1974, completamente derrotado, rendeu-se o colonialismo português. No dia 20, a Frente de Libertação de Moçambique instalava em Lourenço Marques o primeiro Governo do nosso